

## I CONGRESSO DO BOMBO

28 e 29 Novembro 2015 – Aula Magna, Lisboa

28 - Paineil 3 parte 1 Rui Vieira Nery introdução

Olá bom dia eu vou arrancar muito rapidamente esta conversa, com algumas reflexões muito curtas, e algumas assim um bocadinho provocatórias, sobre aquilo que me parece ser o papel deste grupos de percussões e particularmente de bombos ou com o bombo no coração como agentes culturais e eu diria que eles, resumindo que eles são fundamentalmente importantes a 3 níveis, como veiculo de acessibilidade cultural, como veiculo de formação cívica e como veiculo de memoria e de inovação, 1º ponto veiculo de acessibilidade democrática é que, a primeira forma de acessibilidade é que tocar percussão chama uma espécie de memória ram genética que nós temos um sentido de ritmo natural que nos vêm da pulsação, que nos vem da respiração, que nos vem do passo e portanto cada um de nós e um percussionista natural e a possibilidade de passar á ação do potencial ao real, é um ato de vida simplesmente, é um ato natural. Eu que fui formado como pianista, que é como sabem um instrumento de percussão, toda a gente troça de mim, porque eu estou o tempo todo nas reuniões a tamborilar na mesa, e toda a gente está tentar perceber o que eu estou a fazer é um ato falhado mas é uma espécie de ritmo natural que me organiza, por outro lado é um veiculo de acessibilidade porque apela também a uma memória cultural quer dizer, este repertorio, estes conjuntos, trazem-nos memórias, trazem-nos raízes, trazem-nos continuidades, trazem-nos permanências, depois porque é enganosamente fácil, ou seja é possível começar logo a fazer música, as pessoas convencem-se que por isso é muito fácil e depois quando dão por isso descobrem que se meteram num inferno e que tem á frente um caminho de trabalho e aperfeiçoamento que nunca vai acabar até ao resto da vida, mas então já é tarde, é um bocadinho o esquema dos passadores de droga, a primeira dose é de graça e depois a seguir é que se vê que é que custa, e portanto á metas á esforço, á aprendizagem á caminhos de excelência e tudo isso são coisas extraordinárias, porque é que é um veiculo de formação cívica, em 1º lugar não se toca sozinho, ou seja mesmo para haver um solista, tem que haver um grupo de que ele é um solista, e portanto aprende-se a confiar no grupo, aprende-se que o grupo confie em cada um de nós, e aprende-se a sentir responsabilidade por um trabalho coletivo, e aprende-se também que esse trabalho coletivo deriva de uma diversidade de funções, e que cada um na sua área especifica está a contribuir para um resultado final que é partilhado, depois é transgeracional ainda a bocado aqui vimos, nós podemos ter crianças a tocar com os pais e com os avós e portanto á uma sensação de passagem de testemunho ,embora vá falar um pouco mais disso, e depois dá sentimentos de pertença, de memória, de auto imagem de auto estima, de raiz, de sentido de comunidade, tudo isto são virtudes cívicas extremamente importantes, e depois no caso português essas memórias também remetem para o fato que eu estou sempre a insistir que somos uma cultura mestiça somos uma cultura que ao longo de quase 9 seculos foi misturando numa salada á portuguesa uma quantidade de ingredientes que vieram de muitos lados, por um lado porque somos um pais com uma costa enorme portanto toda a gente chega aqui e entra, não é. Por outro lado porque ao contrário do ditado que diz de Espanha nem bom vento nem bom

casamento passamos o tempo a deixar-nos sopra e a casar do outro lado da fronteira e portando desse lado também veio muita coisa, depois porque historicamente tivemos raízes árabes, e isso dai ficaram-nos percussões, tivemos uma componente africana muito forte e de retorno e dai ficaram-nos também percussões, e portanto as percussões portuguesas são uma espécie de imagem desta mestiçagem tão rica que faz de nós um caso tão especial e por último falei-vos que era um veículo de memória e inovação porque por um lado transmite tradições mas também nos ajuda a perceber que as tradições também tiveram um principio que cada tradição começou por ser uma rotura, e que a tradição só se honra quando se desafia digamos a estabilidade dessa tradição, ou seja nós queremos recolher registar, transmitir tradições não deixar perder a memória dessas tradições para continuarmos a fazer aquilo que herdamos, mas também para alargarmos os horizontes da nossa experiencia, ainda hoje aqui vimos um caso do resultado excelente dessa espécie de negociação de contaminação, de experimentar o sabor do prato do vizinho do lado, e é assim que a tradição vai continuando não como uma espécie de arca frigorifica mas como um espaço em que cabe a continuidade e a inovação, e portanto eu vejo com grande entusiasmo neste domínio da memória e da inovação ou seja deste papel cultural de fundo que estes grupos tem , cruzamentos improváveis, com o fado, com o rock, com o jazz , com hip hop, com a musica erudita, clássica e contemporânea e esse universo é inesgotável e portanto para vos dar um exemplo daquilo que vos estou a dizer eu resolvi acabar com um rap